

Blogue, YouTube, Flickr e Delicious: Software Social

Sónia Cruz

FCT- Universidade do Minho

soniacatarinacruz@gmail.com



Resumo

O blogue tem, entre outras vantagens, a possibilidade de publicar gratuitamente informação, centrando-se no conteúdo e não na interface devido à facilidade de edição. Nele, podem ser 'postadas' imagens e vídeos.

O Flickr é uma ferramenta que permite a partilha de imagens e possibilita a criação de álbuns para armazenamento de fotografias, vídeos, como os provenientes do You Tube. Permite assim aos utilizadores carregar, assistir e partilhar podendo, esse material, ser disponibilizado em blogues e sites pessoais. O Del.icio.us é um serviço que permite organizar uma colecção de sites favoritos online, em que os links, organizados por tags (palavras-chave), permitem a criação de um grupo de favoritos.

Pretende-se fazer uma breve caracterização destas ferramentas da Web 2.0 e apresentarem-se caminhos que ajudem os professores a aplicá-las em contexto de sala de aula.

Introdução

Novos espaços de construção do conhecimento emergiram com as novas tecnologias da informação e comunicação (TIC). Deixou a escola de ter o papel de único transmissor de conhecimentos. Agora, as exigências pessoais de conhecimento, extravasam os muros da escola, da cidade, do país. “Por esta razão, a escola deve alterar a sua concepção tradicional e deve começar por estabelecer pontes com outros universos de informação e abrir-se a outras situações de aprendizagem” (Cruz & Carvalho, 2005: 201). Estamos em crer que a integração das tecnologias na educação se torna essencial e urgente para o desenvolvimento integral da formação de alunos que se exige hoje, preparados para o mercado de trabalho, em constante mudança e transformação, pelo que devem mostrar competências que não se limitam a áreas nas quais se especializaram, mas desenvolver um espírito aberto, flexível e capaz de se adaptar para evoluir.

Vilatte (2005) indica-nos que cada vez mais os alunos estão motivados para as tecnologias informáticas e menos motivados para os métodos tradicionais de ensino. Por isso, acredita que para conseguir cumprir a missão de formar os alunos, o professor tem a obrigação de adaptar os seus métodos de ensino às novas tecnologias. Torna-se muito importante que no contexto da sala de aula se use e se aprenda a utilizar as novas tecnologias. Sabemos que “a rapidez das inovações tecnológicas nem sempre corresponde à capacitação dos professores para a sua utilização, o que muitas vezes resulta na utilização inadequada ou na falta de uso dos recursos tecnológicos disponíveis” (Cruz & Carvalho, 2007: 241). No entanto, reconhecendo que a missão de orientar os percursos individuais de aprendizagem e contribuir para o desenvolvimento de competências, cabe ao professor ser receptivo e capacitar-se para aprender e se actualizar. Então, como poderei utilizar ferramentas da Web 2.0 na minha aula?

Blogue

Criado em finais da década de 1990 por Jorn Barger (Barbosa & Granado, 2004), o Weblog, em português blogue, refere-se a um diário na Web com apontadores para outros sites, cuja informação está organizada da mais recente para a mais antiga (em “post”), frequentemente actualizado com opiniões, emoções, factos, imagens, etc. Disponibiliza um índice de entrada e pode conter apontadores para outros sites.

Os blogues podem ser pessoais e/ou colectivos e estarem abertos a todos ou afectos a uma comunidade fechada, a qual discute temas específicos de interesse para esse grupo (Carvalho *et al.*, 2006), (cf. Figura 1).



Figura 1 – Página de entrada do blogue do Encontro sobre Web 2.0

Três vantagens na utilização de blogues são apontadas por Orihuela & Santos (2004). Uma prende-se com a facilidade da criação e o manuseamento das ferramentas de publicação, outra relaciona-se com o facto da ferramenta disponibilizar interfaces que permitem ao utilizador centrar-se no conteúdo e, por fim, a existência de funcionalidades como comentários, arquivo, entre outros.

Oatman (2005) fala já em blogomania devido ao número de blogues que são criados diariamente. Actualmente, o blogue evoluiu e já integra vários formatos como fotoblog (ou fotolog), o vídeoblog (vídeolog ou vlog) ou moblog (para tecnologias móveis como o PDA). Segundo Cruz & Carvalho (2006a), apesar da

diversidade é o blogue temático aquele que tem vindo a impor-se, uma vez que permite partilhar conhecimento na Web de uma forma instantânea.

Para Barbosa & Granado (2004: 69), “Se há alguma área onde os weblogs podem ser utilizados como ferramenta de comunicação e de troca de experiências com excelentes resultados, essa área é sem dúvida, a da educação”.

Para Carvalho *et al.* (2006: 637), o blogue pode “funcionar como caderno, portefólio, fórum, apoio à disciplina, também pode ser usado para disponibilizar pequenos sites como WebQuest e Caça ao Tesouro, que são actividades orientadas para a pesquisa na Web”.

Como refere Cruz (2007: 114) com o blogue, “os textos ficam acessíveis ao professor e aos colegas, que os podem ler, comentar, avaliar e sugerir ligações para sites pertinentes sobre os assuntos abordados”.

O blogue pode ser também utilizado como complemento ao ensino presencial, já que nos blogues poderão constar avisos (Clothier, 2005), indicações de trabalhos a realizar, ligações para materiais de consulta (Carvalho *et al.*, 2006), textos de apoio às aulas (Barbosa & Granado, 2004), entre outros, evidenciando o percurso da aprendizagem efectuada pelos alunos (Gomes & Silva, 2006). Os autores referem ainda que “os alunos que têm weblogs podem mais facilmente assimilar noções básicas de apresentação pública de trabalhos e de ética académica, como a necessidade de absoluto respeito pelo trabalho dos outros” (Barbosa & Granado, 2004: 70) desta forma plagiar torna-se mais perigoso uma vez que os trabalhos estão expostos a toda a comunidade que navega na Internet.

Blogue na aula sim, mas como?

A questão pode ser pertinente pois a tecnologia não se pode usar por si só na educação. Para dela tirarmos o maior proveito, precisamos de pensar e amadurecer ideias quanto à utilização de ferramentas como o blogue em contexto sala de aula.

Assim, após terem sido definidas as finalidades que queremos implementar, o melhor a fazer, é criar um! Existem vários serviços e, na sua maioria, a criação é bastante simples. Utilizando, por exemplo, o Blogger (www.blogger.com) basta efectuar três passos para o conseguir (cf. Figura 2).



Figura 2 – Página Inicial do Blogger

Num primeiro passo “crie a conta”, é solicitado um nome de utilizador (username), uma palavra-passe (password) e endereço de correio electrónico (e-mail). Depois “escolhe-se um nome para o blogue” (pode ser alterado a qualquer momento, após a sua criação) e um endereço para o blogue. Esta tarefa pode demorar mais um pouco dado que o nome escolhido não pode coincidir com o de outro utilizador. Além disso, este endereço não pode ter espaços nem acentos e deve ser de fácil memorização. Por fim, “escolhe-se o modelo” (também possível de alterar em qualquer altura). Publicando a primeira mensagem, o blogue está pronto para ser visto na Web e comentado por outros utilizadores (cf. Figura 3).

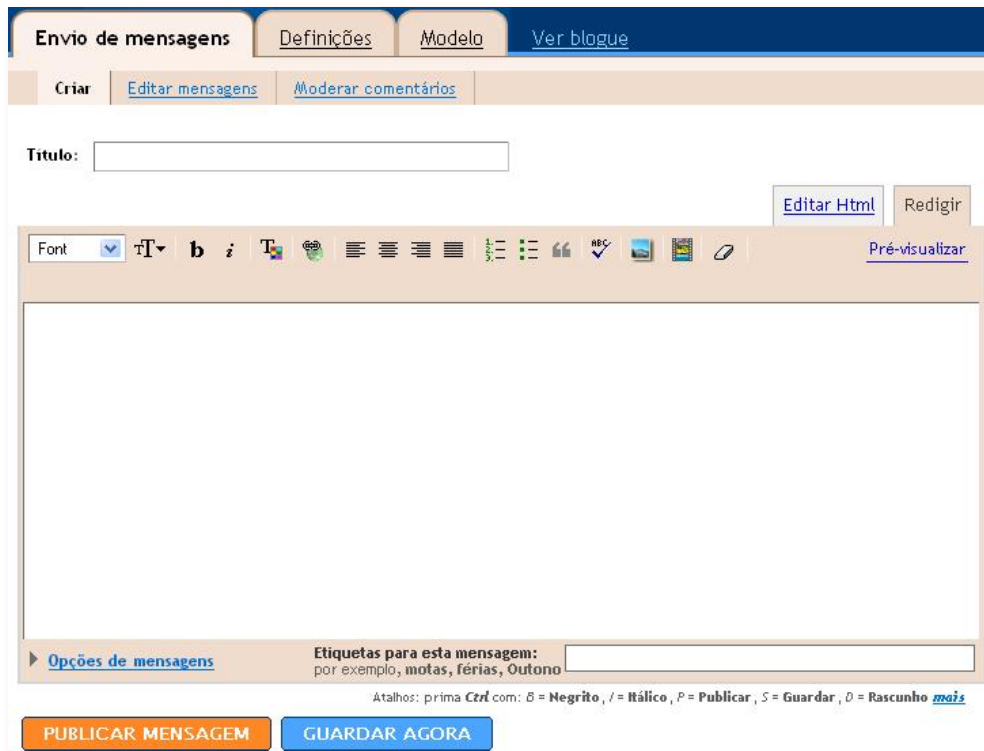


Figura 3 – Modo de edição do blogger

Após a escrita da mensagem, o utilizador pode formatar o texto (tamanho, tipo de letra, cor, alinhamento), inserir hiperligações para outro site, inserir imagens e vídeos (cf. Figura 4).



Figura 4 – Barra de ferramntas no modo de edição do blogger

Inserir imagens ou vídeo no blogue é um processo simples e intuitivo. Clicando no ícone da barra de tarefas (cf. Figura 4), aparece uma janela para proceder ao envio (upload) para a mensagem (post) do blogue (cf. Figuras 5 e 6).



Figura 5 – Adicionar imagens (do ficheiro ou da Web)



Figura 6 – Adicionar vídeos (do ficheiro)

As imagens podem ser provenientes de sítios da Web, bastando por isso, indicar o endereço URL da imagem (cf. Figura 7), ou provenientes do desktop, bastando, para isso, fornecer a origem do ficheiro. Depois basta pedir para “carregar foto”. No caso do vídeo, o blogger permite apenas carregar a partir do desktop. No entanto, se pretender postar um vídeo de outro servidor no seu blogue, basta copiar o código de incorporação (“embeddable”) desse vídeo (visível no site onde está alojado) e, no separador Editar HTML, colar esse mesmo código.

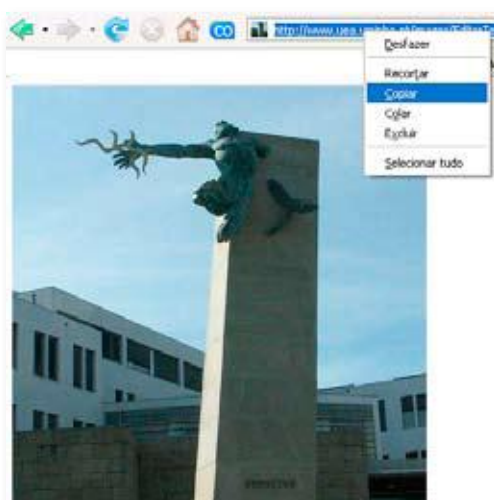


Figura 7 – Inserir uma hiperligação (imagem)

É possível anexar um documento a um blogue?

Vários professores já se aventuraram na criação de blogues e alguns já os mantêm há alguns anos. Uma busca na Web leva-nos a constatar que existem blogues para todas as disciplinas, curriculares e curriculares não-disciplinares (cf. Figuras 8 a 11). Será bom ver vários exemplos para nos elucidar sobre o que é possível fazer na aula com um blogue, conhecendo os alunos com que trabalhamos.

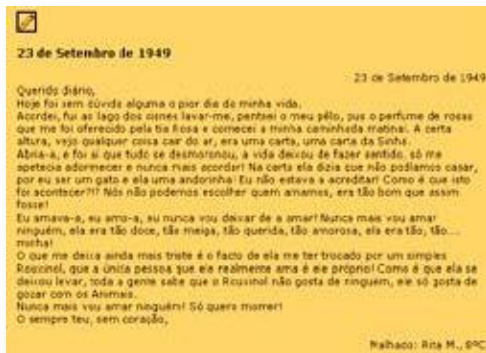


Figura 8 – Post do blogue “Diário do gato malhado” de Teresa Pombo (Português)



Figura 9 – Post do blogue “Have fun with english” de Teresa D’Eça (Inglês)



Figura 10 – Post do blogue “Blog@qui 7º ano” de Sónia Cruz (História)

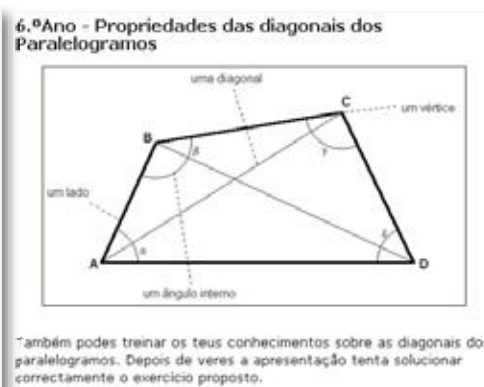


Figura 11 – Post do blogue “ApoioMate” da B2,3/S de Vila Flor (Matemática)

Sendo assim, o professor pode criar um blogue, por exemplo, para publicar pequenos textos que os alunos devem comentar, desenvolvendo pois competências

na área da expressão escrita; pode publicar actividades como WebQuests¹, entre outras; pode publicar fotografias de uma visita de estudo; pode lançar propostas de investigação (com orientações detalhadas); colocar avisos, etc.

Um professor de português pode, por exemplo criar um blogue de apoio à leitura de uma obra integral. Pode pedir, inclusivamente, aos seus alunos que leiam um capítulo e apresentem uma síntese, ou até, quem sabe, pedir para reescrever a história com outro final. Um professor de Inglês, Francês ou de outra língua pode usar o blogue como meio de conseguir que os seus alunos respondam a desafios, expressando-se nessa língua estrangeira. Um professor de História pode lançar um desafio para que os alunos pesquisem sobre uma biografia, revolução, etc., ou um professor de Geografia para que os seus alunos pesquisem as características naturais de um determinado país da União Europeia (um país por aluno). Um professor de Ciências Naturais pode usar o blogue como meio de debate em que os alunos, perante uma questão-problema, desenvolvem a sua capacidade crítica; um professor de Físico-químicas pode, no blogue, publicar animações online de experiências laboratoriais; um professor de Matemática pode exemplificar os exercícios, lançar questões para serem respondidas pelos alunos. Um professor de Educação Visual e Tecnológica pode publicar o resultado dos trabalhos dos seus alunos e até, promover um concurso, entre outras possibilidades.

¹ WebQuest – trata-se de uma actividade orientada para a pesquisa em que alguma, ou toda a informação com que os alunos interagem, provém de recursos da Web.

YouTube

Em 2005, Steve Chen, Chad Hurley e Jawed Karim criam o serviço YouTube com o objectivo de possibilitar a partilha de vídeos. A proposta inicial consistia em, utilizando o formato Macromedia Flash, partilhar conteúdo audiovisual como excerto de filmes, programas televisivos, vídeoclips, conteúdo amador, etc. No entanto, todo o material disponibilizado não pode ter copyright e não deve exceder os 100MB (cf. Figura 12).

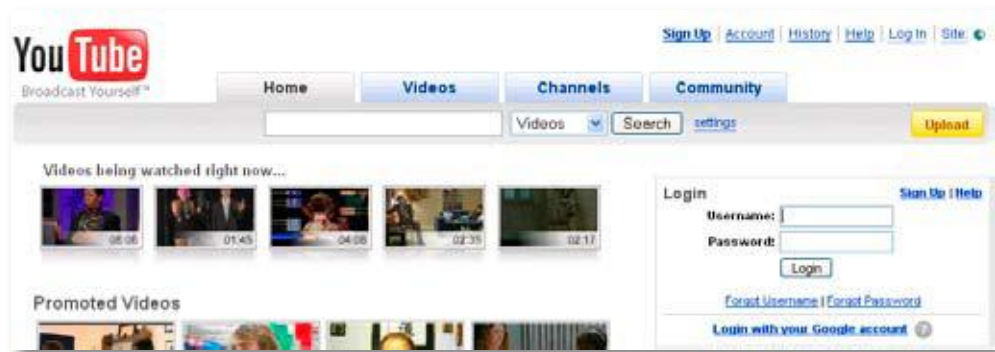


Figura 12 – Página Inicial do YouTube

Em Novembro de 2006, o YouTube foi comprado pelo Google (YouTube, s.d). e foi eleito pela revista Time (2006) como a melhor invenção do ano. Esta eleição gerou alguma polémica pois muitos defendem que a disponibilização de vídeo online já é feita há mais de quinze anos atrás, não reconhecendo, pois, o YouTube como invenção ou inovação. Polémicas à parte, o facto é que é raro entre os nossos jovens existir algum que desconheça esta ferramenta, ainda que reconheçam nela mais um meio de diversão do que de aprendizagem.

A evolução constante e gradual de novos formatos de distribuição de conteúdos audiovisuais na World Wide Web levou os criadores a reflectir sobre a qualidade do conteúdo disponibilizado.

Em Março de 2008 o YouTube criou o 'YouTube Insight' que possibilita a qualquer pessoa com uma conta no portal o acesso a estatísticas detalhadas sobre os

vídeos que publica, o que aumentará a popularidade do utilizador. Até então, a página só permitia conhecer o número de vezes que o vídeo foi visualizado. O objectivo é o aumento da qualidade do seu conteúdo, mas também permitir conhecer a nacionalidade dos utilizadores que visualizam cada vídeo e em que altura do dia o fazem (Público.pt, 2008).

A cada dia que passa, são colocados cerca de 65 mil novos arquivos de vídeo digital à disposição de quem quer visualizá-los. Caetano & Falkembach consideram que “o professor deve-se apropriar das mídias para poder alcançar os seus alunos” uma vez que é fruto dessa interacção que se enriquecem os ambientes de aprendizagem, tornando-os mais atractivos e fazendo do aprender algo agradável (2007: 4).

Moran (1995b) refere que o vídeo está umbilicalmente ligado à televisão, logo, ligado a um contexto de entretenimento, que passa para a sala de aula. Professores reconhecem que, na cabeça dos alunos, vídeo ou Web na aula significa ‘tempo para brincar’. Ou, por outro lado, como referem Cruz & Carvalho, o uso do vídeo está «associado à transmissão de informações, onde um conjunto de informações técnicas são “ilustradas” com imagens e sons não passando de um instrumento de tradução dos discursos de especialistas para a transmissão de informações a um público jovem» (2007: 241). Ora, é esta abordagem instrumental dos meios de comunicação em que o receptor é chamado a integrar informações que deve memorizar, que temos, enquanto professores, de travar.

Por um lado, enquanto professor, que conhece melhor do que ninguém a turma com que trabalha, se for capaz de desenvolver o seu próprio material conseguirá resultados muito mais concretos, pois sabe, ao construir o seu material, as necessidades dos seus alunos, contempla as diferenças da sua turma e sabe, como chegar a cada um. Assim, o processo de selecção, análise e planeamento da aula torna-se mais verdadeiro.

Por outro lado, exige-se uma prática educativa em que a base do processo de ensino-aprendizagem seja a participação activa dos alunos (Kaplún, 1997). Isto é, os alunos devem ser envolvidos na construção dos seus saberes. Ora, como envolver, então, os alunos nos vídeos? Basta torná-los autores ou co-autores no processo de criação do vídeo para se conseguir um envolvimento activo por parte do aluno na sua aprendizagem. Ferrés (1996) acredita que a tecnologia do vídeo quando colocada nas mãos dos alunos, possibilita a experiência da pesquisa, do avaliar-se, do conhecer e conhecer-se, logo, permite a experiência de colaboração entre pares na elaboração de um produto colectivo.

Cruz & Carvalho (2007) realizaram um estudo a fim de averiguar o impacto da produção de vídeo no processo de ensino aprendizagem, com alunos do 9.º ano de escolaridade. Os alunos deveriam trabalhar em pares um subtema do tema “As mutações na estrutura social e nos costumes no início do século XX”. O resultado do trabalho deveria ser apresentado com recurso ao Movie Maker para publicarem os seus trabalhos no YouTube.

As autoras concluíram que os vídeos produzidos pelos alunos revelaram criatividade e dinamismo, apresentando os factos históricos subjacentes aos seus temas o que contribuiu para o desenvolvimento das competências requeridas. Os alunos tiveram a possibilidade de pesquisar online, cruzar informações, seleccionar imagens e músicas para a construção do vídeo que resultou numa produção de pares única. A maioria afirmou ter ganho mais interesse na disciplina e mostraram muito interesse em publicar trabalhos seus *online*.

Segundo Cruz & Carvalho “Os progressos tecnológicos e o contributo das ciências da educação colocam ao alcance dos professores e dos alunos ferramentas inovadoras para o processo de ensino e aprendizagem que, correctamente aplicadas, podem colaborar para a criação de um papel activo e eficaz na construção da sua aprendizagem” (2007: 246).

TeacherTube

O TeacherTube tem com o objectivo partilhar vídeos e promover a comunicação, mas dirigido a um público mais restrito, o público do ensino/educação (cf. Figura 13). Lançado em 2007, foi criação de Jason Smith que considerava profícuo que professores, educadores e escolas se servissem das potencialidades pedagógicas inerentes à Web para aprender. Para já, só existe em inglês, mas já se podem encontrar vídeos portugueses.



Figura 13 – Página Inicial do TeacherTube

O TeacherTube pretende pois ser um site de partilha de vídeos onde educadores em geral podem disponibilizar os seus vídeos para que outros alunos os possam ver, desenvolvendo assim competências, apesar de oferecer a possibilidade de manter os vídeos privados.

Como os vídeos podem ser comentados, permitem a reflexão quer do criador quer do aprendiz. De salientar que a ferramenta permite converter um powerpoint num vídeo.



Figura 14 – Vídeo TeacherTube sobre “As Três Leis do Movimento”



Figura 15 – Legendas adicionadas ao vídeo do TeacherTube recorrendo ao serviço overstream (serviço online que possibilita adicionar legendas a vídeos)

Por exemplo, podemos encontrar vídeos que, originalmente de língua inglesa, foram traduzidos para português. Um caso é o da Figura 14 em que está traduzida para português (cf. Figura 15) uma breve sinopse das três leis de Newton, incluindo o conceito de inércia e de movimento linear, que pode servir para recordar a matéria dada numa aula de ciências físico-químicas.

YouTube/ TeacherTube sim, mas como usar?

Para poder intervir na ferramenta, além da visualização de vídeos, torna-se necessário o registo no serviço YouTube (www.youtube.com). Para o fazer, o utilizador deve inserir os seus dados pessoais e escolher um nome de utilizador (username) disponível e palavra passe. Depois, basta clicar em inscrever.

Na sua conta, o utilizador tem acesso a um conjunto de acções, como podemos visualizar na Figura 16. A “Inbox” é a caixa de entrada, isto é, é o local onde o utilizador pode acompanhar as mensagens e vídeos de outras pessoas no YouTube. Aqui podem ser visualizadas e excluídas mensagens e convites enviados, gerir comentários e vídeo respostas, e enviar mensagens para os outros. A acção “Vídeos, Favorites, & Playlists” é o local onde estão visíveis os vídeos do utilizador, os vídeos definidos como favoritos pelo utilizador e as Playlists que são as colecções de vídeos que podem ser vistas no YouTube, compartilhada com outras pessoas, ou incorporados em sites ou blogues. Pode, a partir daqui, fazer o upload de um vídeo. Em “Subscriptions”, o utilizador pode subscrever vídeos de um canal. Também pode, o utilizador, subscrever algumas tags que considere interessantes para receber informações sobre o que se diz no serviço com essas tags. Em “Contacts & Subscribers” são mostrados todos os contactos do utilizador, que os podem repassar a amigos ou familiares. Em “Manage My Channel” o utilizador pode alterar as configurações do seu próprio canal (se permite comentários, quem pode comentar, o design, etc) uma vez que ao fazer o registo, o utilizador recebe um endereço: <http://www.youtube.com/username>. Por fim, em “Account Settings”, o utilizador pode proceder a alterações quanto às propriedades da conta (e-mail, perfil, etc).

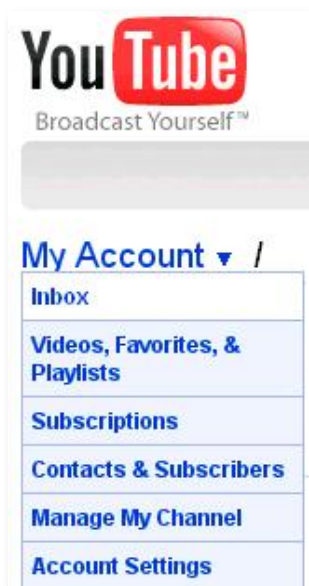


Figura 16 – Acções da conta do utilizador



Figura 17 – Upload de vídeos para o sistema

Quanto ao upload de vídeos, em toda a conta, existe um ícone que, quando activado, solicita ao utilizador o preenchimento de informações base sobre o vídeo (cf. Figura 17). Depois de atribuir um título, redigir uma pequena descrição sobre o vídeo que vai fazer o upload, indicar a categoria em que se insere o vídeo (educação, entretenimento, música, animais, comédia...) e definir as tags, o seu vídeo estará acessível em mecanismos de pesquisa que permitirão aos YouTubers (utilizadores do YouTube), aceder aos seus vídeos.

Em "Broadcast Options", o utilizador pode escolher se quer manter o seu vídeo privado ou torná-lo público. Em "Date and Map Options" definir a data da produção do vídeo e, ainda, escolher no mapa o país onde este foi produzido ou onde se passou a cena do vídeo. Em "Sharing Options" são dadas opções ao utilizador quanto aos eventuais comentários, se fornece aos outros utilizadores o código embeddable entre outras opções. De seguida, basta indicar o vídeo a anexar, isto é, para proceder ao upload deste para os

Uma das potencialidades mais apreciadas reside na possibilidade dos utilizadores criarem álbuns para armazenamento das suas fotografias que podem ser vistos em diferentes locais do mundo. Por essa razão, o Flickr pertence ao software de rede social. O Flickr organiza e classifica as fotos por meio de categorias (*tags*), que os próprios utilizadores definem. O serviço foi o primeiro a popularizar o conceito de “tagging” (Auchard, 2007), isto é, palavras-chave que permitem outros utilizadores encontrar outros documentos de forma rápida e eficaz.

De acordo com a equipa do Flickr (s.d.), a ferramenta é o melhor aplicativo online de gestão e partilha de fotos do mundo porque permite: i) fazer o upload a partir da área de trabalho do utilizador, por e-mail ou por telefone (com câmara); ii) os dados são organizados por meio de tags que permite facilmente encontrar o pretendido em Álbuns (agrupamento de fotos organizadas por um tema específico) e Colecções (agrupamento de álbuns organizadas por um tema global); iii) permite a privacidade para partilhar as fotos podendo o utilizador, para cada uma das suas fotos, definir o nível de privacidade, determinando quem pode ver as suas imagens, a licença de uso, para defender os direitos de autor, o tipo de conteúdo, sinalizando as suas fotos como *fotos*, *arte/ilustração* ou *captura de tela* e o nível de segurança, para que outros membros vejam apenas as imagens em zonas especificadas; iv) partilhar num mapa mundo as fotos que foram tiradas e ver as fotos tiradas por outros utilizadores; v) permitir a produção de cartões, postais, selos, calendários, álbuns de fotos, etc, e, vi) manter o contacto com familiares ou amigos. O utilizador pode manter-se actualizado com o que os seus amigos produzem e vice-versa. Além disso, a possibilidade de deixar comentários nas fotos é, para muitos, recompensador. No Flickr os utilizadores podem aderir a grupos cujos interesses sejam comuns. Estes grupos podem ser públicos ou privados e, cada utilizador, se desejar pode criar um grupo de raiz. Concluimos, assim, que esta ferramenta permite aos seus utilizadores um nível elevado de interactividade.

O Flickr oferece também um serviço de estatística que permite saber como chegaram às nossas fotos, quais as palavras pesquisadas em motores de pesquisa que fizeram com que outros utilizadores encontrassem as nossas imagens, visualizações de cada foto, etc.

Desde meados de 2007, o Flickr conheceu maior expansão dado que iniciou o alargamento do serviço a mais sete idiomas, como parte de uma estratégia mais efectiva de internacionalização, incluindo o português. Brad Garlinghouse (UOL, 2007) reconheceu que mais da metade dos seus utilizadores, com uma percentagem de cerca de 55%, são utilizadores activos fora dos E.U.A., o que prova a necessidade de mais idiomas.

O flickr na aula, como?

Para ter acesso à ferramenta Flickr, em www.flickr.com, o utilizador é encaminhado para proceder ao seu registo no site Yahoo (“cadastre-se”). Para tal, após o fornecimento dos dados pessoais, é-lhe atribuída uma identificação Yahoo (ID Yahoo – username), como pode ver na Figura 19, que, juntamente com palavra-passe o vai permitir aceder ao site.

No site (cf. Figura 20), o utilizador tem acesso a realizar acções diferenciadas quer ao nível das configurações, de perfil, por exemplo, mas pode também gerenciar os seus álbuns, arquivos, favoritos, tags indicadas. As suas fotos podem ser editadas e organizadas (com recurso ao Organizer), estabelecer grupos, explorar na ferramenta, etc. mas para os flickeristas (utilizadores do Flickr), a grande vantagem reside em fazer o upload de imagens.



Figura 19 – Entrada no Flickr, com registo no Yahoo



Figura 20 – Ambiente da conta pessoal do Flickr

Para realizar o upload de imagens basta ao utilizador indicar a proveniência do ficheiro do qual pretende fazer o upload. Pode-se fazer o upload de uma só imagem, como de várias ao mesmo tempo (cf. imagem 21). Além disso, o utilizador pode indicar as tags para facilitar a pesquisa de outros para que mais facilmente sejam encontradas as suas fotos nesse espaço. Está previsto, ainda, que o utilizador opte pela privacidade das suas imagens, definindo se são particulares ou visíveis a público. Depois disso, basta indicar “fazer upload”.



Figura 21 – Upload de arquivos no flickr

Na aula, o professor pode aproveitar esta ferramenta, por exemplo para criar um álbum de fotografias. Por exemplo, numa aula de História o Flickr pode ser utilizado para criar álbuns sobre diferentes estilos artísticos. O docente pode solicitar aos alunos fotografias de monumentos, esculturas, etc., da sua cidade e, depois de um trabalho de investigação sobre o estilo artístico em que estas se inserem, organizar, com os alunos, as imagens e catalogá-las no site.

Del.icio.us

Desenvolvido por Joshua Schachter no final de 2003, o del.icio.us é um serviço on-line que permite ao utilizador adicionar e pesquisar bookmarks (favoritos) sobre qualquer assunto. Projectado para permitir armazenar e partilhar bookmarks na Web, em vez de o fazer no browser, trata-se de uma ferramenta para arquivar e catalogar os sites preferidos do utilizador para que este os possa aceder noutra qualquer lugar e adicionar favoritos em qualquer lugar, também. É, por isso, um site de social bookmarking. Além disso, o utilizador pode partilhar os seus bookmarks e visualizar os favoritos (públicos) de outros membros da comunidade. No del-icio-us, o conteúdo é, também, organizado por tags (cf. Figura 22).

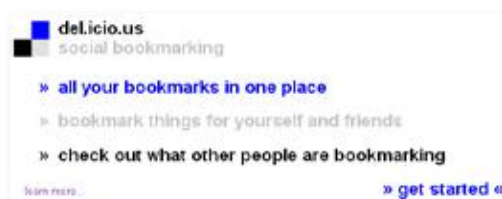


Figura 22 – Página Inicial do del.icio.us

No site oficial, o del.icio.us é definido “as a collection of favorites - yours and everyone else’s” (del.icio.us, s.d.).

A equipa informa que o site deve ser usado para manter os links dos favoritos do utilizador (artigos, blogs, música, opiniões, receitas, etc), partilhar os favoritos do próprio utilizador com amigos, familiares e comunidade em geral, e descobrir novas informações uma vez que “everything on del.icio.us is someone’s favorite - they’ve already done the work of finding it”² (del.icio.us, s.d.). Depois, o utilizador

² Tudo no del.icio.us são os favoritos de alguém – outros já fizeram o trabalho de os procurar!

ao partilhar os seus bookmarks publicamente, permite que outros os visualizem e os marquem como seus favoritos. No entanto, o utilizador pode marcar favoritos no del.icio.us como privados, sendo visualizados apenas por si.

Como podemos visualizar na Figura 23, a ferramenta possui diferentes separadores. Em “your bookmarks”, o utilizador tem acesso ao conjunto de favoritos que criou. Em “your network”, o utilizador conecta-se a outros utilizadores do serviço. O utilizador pode adicionar pessoas à sua rede e acompanhar as últimas acções de outros utilizadores. Quando um utilizador guarda novos bookmarks, pode partilhá-los com outras pessoas da sua rede simplesmente clicando sobre um nome de utilizador. Em “subscriptions” são visíveis as tags definidas pelo utilizador que o permitirão manter-se informado sobre todos os novos bookmarks salvos com tags que lhe interessam. Em “links for you”, estão visíveis os links de outros para os nossos bookmarks e em “post”, podem inserir-se endereços considerados interessantes.

Existe também um espaço “settings” em que as alterações relativas à conta podem ser modificadas, definir bookmarks, tags, questões de privacidade do



Figura 23. Separadores do del.icio.us

network e blogging.

O del.icio.us na aula, para quê?

Para Cruz *et al.* (2007) “na sociedade em que vivemos é cada vez mais importante o trabalho em equipa e a colocação do saber individual ao dispor e proveito do grupo, visto que a evolução dos saberes implica a constante actualização e capacidade de aprendizagem, a interacção social e interpessoal deve ser privilegiada” (p.893).

O del.icio.us pode, em sala de aula, fomentar a colaboração entre amigos e outros colegas ao recolher e organizar bookmarks que são relevantes para todo o

grupo. Por exemplo, um professor de Inglês pode criar uma conta para a sua turma em que, após a negociação com os alunos, se definem tags sobre um assunto, por exemplo, cultura inglesa. A partir daí, os alunos poderão visitar esses favoritos e aprender com eles, preparando, por exemplo, uma apresentação para a turma.

Conclusão

Com as ferramentas da Web 2.0, ferramentas gratuitas e de fácil publicação, como o blogue, o YouTube/TeacherTube, o flickr ou o del.icio.us, o professor tem em mãos inúmeras novas oportunidades para promover, junto dos seus alunos, uma aprendizagem autêntica. Usar estas ferramentas ou outras como o Wiki, dandelifé, podcast nas aulas visa o desenvolvimento de competências inerentes à disciplina e na preparação de cidadãos conscientes de uma sociedade plural e em permanente expansão. Simultaneamente, os trabalhos publicados ficam disponíveis para o escrutínio dos colegas e dos próprios encarregados de educação, possibilitando assim que os trabalhos realizados pelos seus educandos possam ser acompanhados.

De acordo com Moran (1995a:13) “é importante educar para a autonomia, para que cada um encontre o seu próprio ritmo de aprendizagem e, ao mesmo tempo, é importante educar para a cooperação, para aprender em grupo, para intercambiar ideias, participar de projectos, realizar pesquisas em conjunto”.

Carvalho (2007) mostra-nos que com a vinda do “Surface da Microsoft vamos alterar o modo como interagimos com o conteúdo digital: sem rato nem teclado, o ecrã está integrado numa mesa e com as mãos interage-se no conteúdo, permitindo também que várias pessoas trabalhem simultaneamente” (p. 36).

Sendo assim, tem o professor que procurar envolver os alunos na aprendizagem, preparando-os para esta “nova forma de estar, onde todos são consumidores e produtores da ‘sociedade globalizada e concorrencial’” (Carvalho, 2007: 36).

Referências Bibliográficas

- Auchard, E. (2007). *Flickr goes international with seven new languages*. Reuters. Disponível em: <http://www.reuters.com/article/internetNews/idUSN1118869120070612>. (Acessível a 29 de Março de 2008).
- Barbosa, E. & Granado, A. (2004). *Weblogs, Diário de Bordo*. Porto: Porto Editora.
- Caetano, S. & Falkembach, G. (2007) Youtube: uma opção para uso do vídeo no EAD. *IX Ciclo de Palestras sobre as Novas Tecnologias na Educação*. RENOTE – Revista da Novas Tecnologias de Educação, Julho. CINTED - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Brasil. Disponível em: <http://www.cinted.ufrgs.br/ciclo9/artigos/3aSaulo.pdf> (Acessível em 20/11/07).
- Carvalho, A. (2007). Rentabilizar a Internet no Ensino Básico e Secundário: dos recursos e ferramentas online aos LMS. *Sísifo - Revista de Ciências da Educação*, n.º3, pp. 25-39.
- Carvalho, A. A.; Moura, A.; Pereira, L. & Cruz, S.. (2006). Blogue - uma ferramenta com potencialidades pedagógicas. In A. Moreira, J. Pacheco, S. Cardoso & A. Silva (orgs), *Actas do VII Colóquio sobre Questões Curriculares (III Colóquio Luso-Brasileiro) - Globalização e (des)igualdades: os desafios curriculares*. Braga: CIED, Universidade do Minho, 635-652.
- Cruz, S. (2007). O Blogue como recurso e estratégia pedagógica. Uma experiência com alunos do 2º e 3º ciclos na disciplina de História. In Brito, C. Torres, J. & Duarte, J. (eds), *Weblogs na educação: 3 experiências, 3 testemunhos*. Setúbal: Centro de Competência da ESE de Setúbal, pp. 107-115.
- Cruz, S. & Carvalho, A. (2006a). Weblog como Complemento ao Ensino Presencial no 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico. *Revista Prisma.com - Revista de Ciências da Informação e da Comunicação do CETAC*, pp. 64 - 87.
- Cruz, S. & Carvalho, A. (2006b). Integração do Blogue no processo de ensino-aprendizagem: percepções dos alunos. In L. Alonso, L. González, B. Manjón & M. Nistal (eds), *8th International Symposium on Computers in Education*, León: Universidad de León, vol.2, pp. 181-188.
- Cruz, S.; Júnior, J.; Coutinho, C. & Carvalho, A. (2007). O Blogue e o Podcast como

- Resultado da Aprendizagem com Webquests. *Actas da V Conferência Internacional de Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação: Desafios 2007/ Challenges 2007*. Braga: Centro de Competência Nónio Século XXI, Universidade do Minho, pp. 893 - 904.
- Cruz, S. & Carvalho, A. (2007). Produção de vídeo com o Movie Maker: um estudo sobre o envolvimento dos alunos do 9.º ano na aprendizagem. In Silva, M.; Silva, A.; Couto, A. & Peñalvo, F. (eds), *IX Simpósio Internacional de Informática Educativa*. Porto: Escola Superior de Educação do IPP, pp.241-246.
- Del.icio.us. (s.d). *What is del.icio.us? What can I use del.icio.us for?*. Disponível em: <http://del.icio.us/about/> (Acessível a 29 de Março de 2008).
- Ferrés, J. (1996). *Vídeo e Educação*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Flickr. (s.d.). Disponível em: <http://www.flickr.com/tour/> (Acessível a 29 de Março de 2008).
- Gomes, M. & Silva, A.(2006). A blogosfera escolar portuguesa: contributos para o conhecimento do estado da arte. *Prisma.com Revista de Ciência da Informação e da Comunicação do CETAC*. Porto.
- Kaplún, M., (1997). *De médio y fines em comunicación*. Chasqui -Revista Latinoamericana de Comunicación. Quito: Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina (CIESPAL). Disponível em: <http://www.comunica.org/chasqui/kaplun.htm>. (Acessível a 26.05.2007).
- Moran, J. (1995a). Novas Tecnologias e o Reencantamento do Mundo. *Revista Tecnologia Educacional. Brasil*, vol. 23, n.126, pp.24-26.
- Moran, J. (1995b). *O vídeo na sala de aula*. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/vidsal.htm> (Acessível em 26.05.2007).
- Oatman, E. (2005). Blogomania!. *School Library Journal*. Disponível em: <http://www.schoollibraryjournal.com/article/CA632382.html> (Acessível em Dezembro de 2005).
- Orihuela, J. L. & Santos, M L. (2004). Disponível em: http://www.quadernsdigitals.net/index.php?accionMenu=hemeroteca.VisualizaArticuloIU.visualiza&articulo_id=7751&PHPSESSID=085f3dd10215ef632a02a7887514e6db (Acessível em Setembro de 2005).

Público.pt (2008). *YouTube lança ferramenta que permite conhecer a nacionalidade dos utilizadores*. Disponível em: <http://ultimahora.publico.clix.pt/noticia.aspx?id=1323951&idCanal=61> (Acessível a 29 de Março de 2008).

Time (Revista) (edição de 13 de Novembro de 2006). Disponível em: <http://pt.Wikipedia.org/Wiki/YouTube> (consultado em 30.05.2007).

UOL–Notícias (2007). *Portal de imagens Flickr lança versão em português*. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/ultnot/efe/2007/06/12/ult1809u11764.jhtm> (Acessível a 29 de Março de 2008).

Villate, J. (2005) *E-learning na Universidade do Porto Caso de Estudo: Física dos Sistemas Dinâmicos 2004/2005*. II Workshop E-learning da Universidade do Porto.

YouTube. (s.d). *Sobre o YouTube*. Disponível em: <http://www.youtube.com/t/about>. (Acessível a 29 de Março de 2008).